

DE NEÓFITO A PROFETA: O PAPEL DAS EMOÇÕES E DO CORPO NA TRAJETÓRIA ESPIRITUAL DOS CRENTES DA ASSEMBLÉIA DE DEUS

*Roberta Campos
Cleonardo Mauricio Junior*

Este trabalho versa sobre o papel das emoções e do corpo na trajetória espiritual dos crentes da Assembleia de Deus (AD). A carreira empreendida pelo crente, de neófito a profeta, ou seja, de novo convertido até ser considerado pela comunidade como espiritualmente maduro, passa necessariamente pela habilidade em atender o chamado de Deus para realizar “sua obra”, o que consiste geralmente em “dar uma palavra”, realizar uma profecia direcionada a alguém. Para tanto, o crente deve afastar o que pode ser considerado “coisa de sua cabeça”, para não correr o risco de dizer ou fazer “aquilo que Deus não mandou”, ao mesmo tempo em que não pode, sob hipótese alguma, deixar de entregar a mensagem da parte de Deus a quem deve, e precisa, ouvi-la.

Examinaremos, então, alguns elementos desta passagem de neófito a profeta, que entendemos fazer parte da construção da noção de pessoa pentecostal. Focaremos no exame do papel das emoções nesta trajetória. Qual seria o lugar, portanto, do corpo e das emoções na trajetória em direção à maturidade espiritual do crente da AD? Visamos responder esta pergunta apresentando como a dúvida e a ansiedade do neófito é transformada em convicção nos cultos pentecostais. Tudo isto com o corpo, receptáculo do Espírito Santo, como mediador desta prática. O papel do líder carismático também será contemplado: Apontamos como sua performance na interação com os fiéis funciona como dínamo das emoções presentes na trajetória que ora pretendemos analisar. O pastor Silas Malafaia, líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC) no Brasil e os fiéis de sua igreja serão o foco de nossa análise. O *Congresso de Avivamento Desperta!*, evento capitaneado pelo pastor, e as visitas às filiais da ADVEC no Recife, compõem a base do trabalho de campo por nós realizado.

É imprescindível dizer, ainda, que este *paper* não pretende definir um modelo teórico que contemple o que aqui denominamos como a trajetória espiritual do convertido. Nosso

objetivo resumir-se-á em trazer à tona elementos percebidos em nossa etnografia que contribuam para o entendimento do papel das emoções e do corpo na referida trajetória.

A cultura pentecostal: a busca generalizada pelo carisma

Em trabalhos anteriores (Mauricio Junior, 2011; Campos & Mauricio Junior, 2012a, 2012b) denominamos a cultura pentecostal cristalizada na Assembleia de Deus (AD) como baseada na **busca generalizada pelo carisma**; e nos esforçamos em apresentar como se dá a construção do sentido de um fluxo carismático entre o líder pentecostal e os pastores e crentes comuns, durante a performance carismática realizada pelo primeiro em meio à sua prédica. Mostramos também que esta circulação do carisma, ao longo das cadeias de interações carismáticas, configura-se como um dos princípios indispensáveis à expansão pentecostal.

O conceito de carisma, consagrado por Weber (2000), é utilizado aqui para dar conta das categorias nativas de *unção* ou *poder de Deus*. A ação carismática resultante deste empoderamento consiste nas performances empreendidas pelos crentes pentecostais da AD quando afirmam estarem “cheios do Espírito Santo”. Em geral, as ações carismáticas giram em torno do “dar uma palavra”, “profetizar sobre a vida do irmão” ou daquele que “precisa de salvação”¹. Acompanhando as tratativas do tema que se seguiram ao clássico trabalho de Weber (Shils, 1965; Csordas, 1997; Geertz, 2003), queremos sublinhar a dimensão coletiva do carisma e, o mais importante, lançar luz sobre a possibilidade de sua circulação. Lembramos, seguindo principalmente Shils (1965), que Weber já anuncia esta possibilidade (a circulação) quando discute a rotinização do carisma, ou seja, a transformação do carisma genuíno em formas carismáticas menos intensas. Se entendermos este processo de rotinização como a sobrevivência do carisma (diferente do que Weber chama de seu desvanecimento) em menor intensidade, na medida em que o seu detentor (pessoa, instituição, grupo de parentesco, herdeiro) se distancia do centro irradiador de carisma (ver Shils, *ibid*), trazemos à tona uma base weberiana para entendermos a circulação do carisma e, ao mesmo tempo, a formação de uma estratificação espiritual ao longo desta cadeia de interações baseadas na ação carismática.

Como se dá efetivamente, então, esta busca generalizada pelo carisma entre os fiéis da AD e que sintetizaria o que entendemos por cultura pentecostal? Baseado nos trabalhos de Simon Coleman (2000, 2006, 2009), entendemos que

ela se concretiza num processo contínuo de internalização e externalização, gerando uma cadeia de circulação verbal onde cada crente, tendo armazenado, internalizado, o carisma em seu *self*, através das chamadas experiências de *in-filling* (preenchimento), precisa estendê-lo (reaching out)², externalizá-lo, ao (ainda que desconhecido) outro, sobretudo no ato de “dar uma palavra”, “abençoar” ou “profetizar sobre a vida do seu irmão” (Maurício Junior, 2011, p. 61, 62).

Acompanhando a experiência relatada por Nadja, fiel da AD há 14 anos, podemos ilustrar esta cadeia de circulação verbal. Nossa informante relata uma experiência onde, internada no hospital a fim de realizar uma cirurgia age carismaticamente externalizando em direção à sua companheira de quarto uma Palavra anteriormente internalizada:

Quando eu botei o pé no quarto eu disse bom dia, quando eu olhei pra senhora que estava deitada, o Espírito Santo de Deus falou ao meu coração: ‘Ela precisa de você, a outra não. Ela precisa de você.’ Naquele momento eu comecei a chorar porque foi muito forte. Aí eu já fui pedindo perdão a Deus... Senhor, me perdoe, me desculpe. Eu disse bom dia, eu já fui dando bom dia, eu tava com meu filho e minha nora. ‘Quem vai ser minha companheira de quarto?’ Ela falou bem fraquinho. Eu disse: ‘Sou eu’. Um dia antes um irmão disse assim: Olhe Nadja, você vai ser usada naquele hospital e se você não tiver palavras pra dizer, diga só que Jesus é bom. Quando eu entrei que olhei, ela tava com uma imagem (*de santo*) bem grande ao lado da cama e um terço na mão. Eu percebi que ela era bem católica e eu aprendi muito a respeitar. Não sou de agredir porque eu creio que essa obra quem faz é o Espírito Santo. Eu disse: Jesus, como é que eu vou falar pra essa mulher. Me lembrei logo da palavra do irmão (*‘diga só que Jesus é bom’*). De repente o meu filho saiu, e minha nora, e eu fiquei só com ela e a filha dela. E ela começou a passar mal, uma meia hora depois ela começou a passar mal... Ela tava com uma sonda no nariz. E a filha dela ligando para o [outro] filho dela que vinha e dizendo: ‘Ela só ta esperando você pra sedar. Ela chamou por você a noite todinha’. E ela começou passando mal, passando mal e a filha chamava, chamava na cigarra e o médico não vinha. Aí a filha saiu pra chamar o médico. Saiu correndo pelo corredor e eu fiquei com ela. Na hora o Senhor falou: ‘Segura na mão dela’. E eu segurei. Não tinha nem trocado de roupa ainda, não tinha botado a roupa do hospital. Segurei na mão dela, aí vi o nome dela [na placa acima da cama]. [Então, eu disse:] ‘D. Maria José, Jesus é bom. Me lembrei [das palavras do irmão] e comecei: ‘Jesus é bom, Jesus é bom, chame por ele, chame por ele, D. Maria José, que ele está aqui. Vamos chamar por Ele, porque Ele é bom’. Aí comecei falando do amor de Deus: ‘Ele te ama, te ama’. E de repente ela olhou pra mim e começou a dizer: ‘Jesus, ela está dizendo que tu és bom. Tu és bom, tu és bom. E a gente começou a glorificar o nome do Senhor. Eu comecei a orar com ela, exaltando só o nome do Senhor. Quando a filha chegou com o médico ela já estava calma. O médico examinou e foi embora.

Aqui Nadja primeiro recebe do ‘irmão’ o que deve ser dito no momento oportuno: “Jesus é bom”. Armazenada “em seu espírito”, a palavra alcança sua eficácia performativa na **externalização**: o momento em que “pode se dar vida à Palavra, na medida em que a linguagem é externalizada do falante e se transforma em sinais físicos da presença do poder sagrado” (Coleman, 2000, p. 131, tradução nossa). É o instante em que Nadja, como diria Coleman, passando a fé aos outros (passing faith on others, p.131), segura as mãos de dona Maria José e movimenta o “Jesus é bom”, antes recebido, na direção do mais novo recipiente deste interminável ciclo de verbalização da Palavra.

O neófito e a produção da ansiedade

Inserir-se nesta cadeia de circulação verbal não é uma opção disponibilizada aos crentes. Performar o carisma, provando, e provando-se, cheio do Espírito Santo é um requisito compulsório para quem está inserido na cultura pentecostal. Todos são impelidos a falar e não é raro ver nos cultos as admoestações para que as pessoas deixem a timidez de lado. Há uma recomendação explícita para que todos se tornem profetas uns para os outros. “Crescer na fé”, então, implica saber o que dizer, como dizer e esperar as reações certas. Nos relatos abaixo podemos ver alguns elementos importantes a este respeito.

Primeiro a experiência da Irmã Eliete, 70 anos, professora aposentada. Ela conta:

Um dia desses eu estava no Detran. Tinha uma moça que vinha com uma bagagem, mas muito triste o jeito dela. Muito triste. Deus falou ao meu coração: “Dê uma palavra pra ela”. Eu disse: “Meu Deus, como é que eu vou falar com ela? Não conheço a moça”. Uma moça muito bem vestida. Eu fui e falei assim: “Moça, Eu não te conheço, mas tira essa preocupação que isso que tu vais fazer Deus vai te dar uma vitória”. Ela fez: “Que bom! Eu precisava tanto ouvir isso aí”. Eu disse: “Você vai sair vitoriosa nisso que você vai fazer”.

Depois, a irmã Nadja compartilha mais uma de suas experiências. Ela relata:

Foi logo quando eu me converti. “Senhor, tu me usa? Tu vai me usar? Como é? “Eu ficava me perguntando, sabe? E naquele dia eu saí. Quando eu sentei lá atrás no ônibus e o Senhor me dava uma palavra pra eu dizer ao motorista, que Deus o amava e que ele prestasse atenção, mas eu não disse, eu não dei conta, fiquei na minha pensando que era coisa de minha cabeça, uma nova convertida. Aí de repente um rapaz veio com a bicicleta e bateu no ônibus. O rapaz foi quem bateu no ônibus... O rapaz morreu... Naquilo eu fiquei muito inquieta, botei pra chorar dentro do ônibus: ‘Meu Deus, me perdoe, porque quando tu me dizia que era pra eu dizer pra ele prestar atenção... tudinho, né. Aí nesse momento o

motorista desceu, e o motorista tava ‘afastado’ (*não era mais evangélico*). Quando eu desci, aí eu peguei e falei pra ele aquilo que Deus tava falando ao meu coração. Pedi perdão logo a Deus e pedi perdão a ele... Aí Deus começou a me revelar algumas coisas da vida dele, que Jesus [o] amava e que tinha uma cadeira (*um emprego no setor administrativo*) esperando por ele naquele lugar. Foi quando Deus começou a falar. Aí ele (*o motorista*) [disse]: - ‘Eu sou afastado do evangelho. Quando eu saí de casa hoje a minha esposa disse que eu ia ter um encontro com o Senhor’. E naquele momento, ali naquela agonia, naquela situação, ele se voltou pra Jesus.

É interessante notar que Eliete tinha dúvidas quanto à melhor forma de se dirigir àquela desconhecida, mas mesmo hesitando, vai até “a moça” e entrega a mensagem a ela reservada. Após fazê-lo e descobrir que o alvo de sua profecia estava prestes a fazer o vestibular, a entrevistada diz ter sido tomada por uma sensação de dever cumprido: “Fica admirado a pessoa que recebeu e fica admirado a gente que falou: - Meu Deus, era isso mesmo que tu queria que eu falasse”. Por sua vez, a irmã Nadja não poderia ter “ficado na dela”. Esta opção não está disponível ao crente pentecostal. Seu dever é falar e alcançar os outros (*reaching out*) com o carisma. A hesitação de Nadja, o motivo de não ter discernido imediatamente que deveria entregar uma mensagem de Deus ao motorista, é imputada por ela mesma ao fato de ainda ser nova convertida na ocasião.

A construção da pessoa pentecostal passa pela eliminação da dúvida em relação a se “é Deus mesmo quem está falando” à performance da convicção nas experiências aqui denominadas de externalização da palavra. Os episódios permeados de hesitação, representados pelas experiências de Eliete e Nadja quando estas são convocadas por Deus a se dirigir à jovem triste e ao motorista do ônibus, respectivamente, devem se transformar em momentos de atitude convicta, como na ocasião em que a segunda estende o “Jesus é bom” à sua desconhecida companheira de quarto. Entendemos que a força-motriz destas ações carismáticas é a ansiedade advinda da necessidade de adesão compulsória ao que intitulamos de **busca generalizada pelo carisma**. Ser reconhecido como pentecostal, ou seja, galgar o status de “cheio do Espírito Santo”, abandonando o papel de neófito e alcançando, em nossos dizeres, o de carismático, é o objetivo principal de quem se engaja nesta busca.

Ortner (2007) nos lembra como Weber constrói um quadro das maneiras pelas quais o protestantismo intensificou as ansiedades religiosas de seus adeptos. A abolição, por exemplo, da prática da confissão privada lançou o fiel a uma vida sem oportunidades para realizar uma descarga periódica do sentimento emocional do pecado. A fonte máxima da

ansiedade religiosa, no entanto, consistia mesmo na busca de evidências pelos fiéis que atestassem sua salvação. O que potencializava a ansiedade, nos dizeres de Ortner, “era a situação psicologicamente insustentável de ter o destino pré-traçado [a salvação, ou a danação], e não ter meios de descobrir para que tal destino apontava” (p. 386).

As práticas e doutrinas protestantes tanto induziam a estas ansiedades quanto prescreviam soluções para elas. A solução (o ascetismo intramundano), segundo Weber, gerou a afinidade eletiva entre a ética protestante e o espírito do capitalismo, produzindo um sujeito religioso e, ao mesmo tempo, capitalista. Nosso ponto aqui é acompanhar o objetivo de Ortner ao comentar o clássico trabalho weberiano e enfatizar que o sujeito produzido cultural e religiosamente não é definido somente por sua posição numa matriz social, econômica e religiosa, mas por uma subjetividade complexa, um conjunto complexo de sentimentos e medos que movem à ação. Entre os pentecostais a ansiedade não dá início à busca pela certeza da salvação, como foi no protestantismo pós-Reforma. A meta aqui é alcançar a posição de maturidade espiritual e ser reconhecido como “cheio do Espírito Santo” na trajetória carismática. A salvação está ao alcance do neófito. Pretende-se subir um degrau maior na hierarquia carismática, o de profeta. A prescrição para aplacar a ansiedade por ser bem sucedido nas interações que atestam a posse do carisma entre os pentecostais também difere daquela disponibilizada aos crentes da Reforma: Não há um ascetismo intramundano que valorize o trabalho e a acumulação como sinais da salvação. Aqui o sinal é essencialmente mágico: Atender ao comissionamento divino e “dar uma palavra” a quem estiver ao alcance sob o raio de atuação profética.

Elegemos a ansiedade religiosa como sentimento representativo da prática pentecostal e afirmamos que a ritualização deste sentimento no processo de busca de reconhecimento pela comunidade como pessoa carismática, impulsiona os fiéis a engajarem-se em interações das quais se depreenda o sentido do carisma pentecostal (a busca generalizada pelo carisma). Aí se atesta, para os bem-sucedidos nestas interações, o status de “cheio do Espírito Santo”. Como já exemplificamos aqui, ser bem sucedido nestas interações e, por conseguinte, confirmar-se como carismático, significa dominar as experiências de externalização da palavra, estender esta palavra, sob ordem divina, ao “irmão de fé” ou ao desconhecido. Vejamos agora o papel do líder carismático na ritualização desta ansiedade religiosa.

O papel do líder carismático: ritualizando a ansiedade

No Congresso de Avivamento Desperta! 2009, Silas Malafaia traz uma mensagem aos seus ouvintes na maior casa de shows do Estado de Pernambuco, lotada para acompanhar sua prédica. Ele a inicia:

Eu quero trazer uma palavra pra você e a minha oração é que eu seja apenas instrumento da vontade de Deus para a sua vida. Eu quero dizer pra você uma coisa que seja profética para sua vida: Deus quer usar você para coisas grandiosas (*gritos da platéia de Glória a Deus e Aleluia*)...

Anuncia o texto bíblico que servirá como base para toda sua prédica e continua:

... Então, Ezequiel 37, versículo um: (*lendo*) “Veio sobre mim a mão do Senhor e o Senhor me levou em espírito e me pôs no meio de um vale que estava cheio de ossos”. Há duas coisas aqui que eu quero considerar deste primeiro versículo: É que Deus sempre vai nos levar ao lugar que ele quer nos usar. Então aprenda o seguinte: É Deus que tá dirigindo a tua vida? Sim ou não? (*platéia responde, sim*). **Se for Deus que está dirigindo a tua vida**, não fique preocupado com o aparente e com as circunstâncias. Deus sempre vai te levar a um lugar, e te prepare, nesse lugar você vai ser usado para a glória dEle (*gritos da platéia de Glória a Deus e Aleluia*)...

Com a afirmação “Deus quer usar você para coisas grandiosas”, Malafaia toca em um ponto fulcral para o crente pentecostal. É este o projeto no qual todo crente pentecostal deve se engajar: “ser usado poderosamente por Deus”. É para a consecução deste objetivo que o fiel quer o carisma para si (Campos, 2011), a fim de ser bem sucedido nas interações de onde se depreende o sentido de ser carismático. Tais interações formam uma cadeia de circulação verbal que dá forma à busca generalizada pelo carisma (Mauricio Junior, 2011). Mas para ser “usado poderosamente” o fiel necessita saber se Deus está dirigindo a sua vida (“Se for Deus quem está dirigindo a sua vida, você vai ser usado para a glória dEle”). Como sabê-lo? Estas respostas não são disponibilizadas pelo líder. O questionamento (Deus está dirigindo a sua vida?) é lançado aos ouvintes, que necessitam respondê-la. A pergunta reverbera nos fiéis não somente no momento específico da prédica, mas ecoa em seus ouvidos se estendendo às suas vidas cotidianas, exigindo uma resposta que também deve ser renovar cotidianamente.

Malafaia continua. E neste trecho o que entendemos como a produção da ansiedade religiosa fica ainda mais evidente:

Aí eu aprendo um princípio que tá aqui nesse texto e que eu quero que você aguace o seu ouvido: Se você está no lugar que Deus quer que você esteja. Se você está exatamente no

centro da vontade de Deus... agora vem uma palavra pra você... Se você está exatamente no centro da vontade de Deus e se você está no lugar que Deus quer que você esteja, seja esse lugar geográfico ou posicional, ou as duas coisas, (*aos gritos*), neste lugar você tem autoridade profética (*gritos da platéia*). É aqui o engano de muita gente, meus amigos. Você quer profetizar numa área e num local e numa posição que você não tem... [mas] Ei, psiu! Você não está no lugar que Deus quer que você esteja pra fazer isso. Você não tem autoridade profética. O que eu vejo de gente quebrar a cara nesse negócio. Você não tem autoridade profética. Você tá fora do lugar. Esse homem aqui estava no lugar que Deus queria que ele estivesse (referindo-se a Ezequiel). E Deus disse [para Ezequiel]: “Você tem autoridade profética. Você tem legalidade espiritual. O que é uma coisa muito importante, porque se você estiver fora do local que Deus quer te usar, você não tem legalidade espiritual pra ser profeta neste local.

As perguntas continuam: Como o fiel pode saber se tem autoridade profética? Se está no lugar que Deus quer que ele esteja? E se é Deus quem está dirigindo sua vida? Quais os sinais práticos para aplacar a ansiedade e responder a pergunta lançada pelo líder carismático?

É importante ressaltar, ainda, que os questionamentos efetuados pelo líder carismático não são entendidos pelos participantes do evento como perguntas retóricas direcionadas a esmo a um ouvinte impessoal. Eles são individualizados por cada participante, como se fossem feitos a ele direta e especialmente. Isto acontece pois o fiel não ouve a Palavra que emerge do pregador passivamente. Ainda que se configure como um momento aonde se vai “receber” a Palavra entregue pelo pastor, este momento também exige uma participação ativa. Essa participação vai além do ato de *call and response*, termo que designa o momento em que a platéia responde com gritos de “Glórias e Aleluias” às profecias do pastor. Estende-se a uma atitude permanente de concentração e a manutenção de um estado de sensibilização à possibilidade de “recebimento”, como diz o Evangelista Luciano, há 10 anos na AD:

O culto é individual. Você pode estar numa reunião e ali ser cheio do Espírito Santo somente você. E por que somente você? ... Tanto pode você receber uma descarga do alto e ser cheio do Espírito Santo, como pode dois, três ou até mais. Vai depender se realmente aquela pessoa vai para cultivar, buscar realmente a presença de Deus, entendeu? ... Depende muito de quantos na reunião estão realmente buscando a presença de Deus.

Configura-se aí, portanto, “uma construção especificamente carismática do sentido de um fluxo entre o santo e o crente comum...” (Coleman, 2009, p. 430, tradução nossa). Pastor e fiel se engajam, sobretudo no momento da mensagem, numa interação compreendida como sendo singular, ainda que este último esteja no meio de uma multidão. Enfim, a pergunta é direcionada a cada fiel, e deve-se buscar respondê-la.

O líder impulsionando a ação carismática: A produção da convicção

O que pretendemos destacar neste trabalho é que a produção da ansiedade religiosa entre os pentecostais, conforme descrito acima, move os fiéis a engajarem-se, e permanecerem engajados, na busca generalizada pelo carisma. O objetivo é elencar elementos para responder positivamente os questionamentos lançados pelo líder carismático: estar no lugar por Deus escolhido, ter sua vida guiada por Deus com autoridade profética, enfim, reconhecer-se, e ser reconhecido, como carismático.

Este processo contribui, ainda, para a construção da autoridade do líder carismático. Se as respostas não podem ser dadas de imediato pelos fiéis-ouvintes, gerando a ansiedade religiosa discutida ao longo deste texto, a única certeza é a de que o emissor desta mensagem, devido ao lugar de sua fala (evento repleto de pessoas para ouvi-lo, uma carreira bem sucedida, programas de televisão, livros, etc), se encontra exatamente no lugar onde Deus quer “usá-lo” e, portanto, possui autoridade profética para questionar os fiéis com relação ao lugar destes.

Mas não é só isto que constrói a proeminência espiritual do líder carismático em relação aos crentes comuns. É necessário entender quais aspectos levam o líder carismático a ser elevado a uma posição de virtuoso espiritual, acima dos crentes comuns, investido, portanto, de autoridade para protagonizar a performance da produção da ansiedade, e em seguida, como veremos, capitanear a produção da convicção necessária ao fiel para superar suas dúvidas e hesitações a fim de conseguir engajar-se na busca generalizada pelo carisma. Seu status de virtuoso espiritual, ou melhor, de emblema da cultura pentecostal (ver Campos & Mauricio Junior, 2012a, 2012b) possibilita o líder carismático a conduzir esta trajetória da ansiedade à convicção. Como esta posição é construída?

Se o crente pentecostal é instado a trilhar sua carreira espiritual, pode-se deduzir que tal carreira possua um topo. No entanto, nem todos o alcançam. É lá que estão os grandes líderes carismáticos, os “santos protestantes” de Coleman (2009): aqueles, em nossos termos, que foram bem sucedidos na busca generalizada pelo carisma, atingindo, pode-se dizer, o sucesso carismático. Tal “sucesso” baseia-se, assim compreendemos, nas condições reunidas pelos pastores-celebridades: No que diz respeito à cadeia de circulação verbal, afirmamos estar o líder carismático em uma posição privilegiada, mais

especificamente **na origem e acima** desta corrida pelo carisma. O momento em que o crente comum “dá uma palavra” ou “profetiza sobre a vida” de outrem, pode ser compreendido como uma reprodução em menor escala (de intensidade carismática) do instante da mensagem proferida pelo pastor. Ou seja, os modos de operação do emblema pentecostal (o líder carismático) revelam-se quando este se configura tanto como gatilho (Mauricio Junior, 2010) quanto como pedagogo (Seguy, 1982) – na origem e acima, portanto – das interações geradoras do carisma pentecostal.

O líder carismático, como o crente comum, cumpre o dever de estender-se até o outro (reaching out), entregando-lhe a Palavra, no entanto o faz em outro patamar, bem mais elevado. Enquanto o crente ordinário executa o que a comunidade considera ser sua missão engajando-se em interações com pessoas que estejam ao alcance de suas mãos, por exemplo, com uma companheira de quarto de hospital conforme o depoimento aqui relatado, o pastor-celebridade o faz, por sua vez, diante de uma plateia ávida por aprender com ele, e no momento considerado como a principal oportunidade para se “receber”, internalizar, a Palavra. Eliete nos diz que momento é este: “O momento principal do culto?... é o momento da palavra. É muito bom o momento de adoração... Mas aqueles hinos são como uma preparação para ouvir a palavra. Mas na hora da palavra é a hora que você vai aprender”. Além disso, o “grande homem de Deus” não se limita às paredes da igreja local. É visto nos eventos itinerantes de escopo nacional e internacional, e alcança a todos com sua mensagem através do rádio e televisão.

Podemos afirmar, em resumo, que o líder carismático eleva do prosaico ao nível do extraordinário as interações sociais de onde se depreendem o sentido do carisma entre os pentecostais. Desta posição elevada acima dos seus pares dá início à circulação do carisma, mostrando aos fieis como este deve ser performado consolidando, com isso, sua condição privilegiada para conduzir a ritualização da ansiedade à convicção entre os pentecostais.

Passemos a compreender como esta convicção é ritualizada. Continuemos com a mensagem de Malafaia no CAD 2010:

... O versículo 4 tem uma coisa interessante: (lendo) “Então lhe disse: Profetiza sobre estes ossos e dize-lhes, Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor”. Meu irmão, olha que coisa interessante: Quem é que tava com o profeta no vale? Quem? (*a platéia responde, Deus*) E Deus manda o profeta [pregar aos ossos secos em seu lugar]? Aqui tem um princípio: Deus realiza a sua obra aqui na terra através dos seus servos... Deus realiza aqui na terra os seus intentos através de você, (*e apontando aleatoriamente para pessoas da platéia*) de você, de

“você, é de você. Dá pra vocês dizerem pra dois três aí, olha: “É através de você. Através de você” (gritos). É você o instrumento. Tem gente muito enganada... Você é o instrumento de Deus, rapaz. É você. Não é outro, não.

Como vimos em Ortner (2007), as práticas e doutrinas protestantes exploradas por Weber tanto induziam às ansiedades religiosas quanto prescreviam soluções para elas. O mesmo, assim entendemos, se dá entre os pentecostais. Silas Malafaia, antes lançando perguntas aos fiéis que não podiam ser respondidas de imediato, agora os motiva a mover-se e respondê-las ao dizer: “É através de você [que Deus vai agir aqui na terra]. Não é outro, não”. Percebemos aí, em curso, a ritualização da convicção. A produção de profetas menores (na medida em que o líder carismático é, no caso, o profeta maior) se dá uma vez que o fiel, mergulhado na ansiedade ao se deparar com a exigência de confirmar-se como pentecostal, passa a buscar a prova para tal confirmação. Convencido pelo líder carismático de possuir o carisma necessário, o fiel segue em busca das interações carismáticas com os que estiverem ao seu alcance, no seu cotidiano. A eficácia deste comissionamento consiste, podemos assim entender, em quem o faz. É o líder carismático, virtuoso espiritual e emblema da cultura pentecostal (por estar, como verificamos, na origem e acima da busca generalizada pelo carisma) o condutor dos rituais que produzem a ansiedade religiosa. É ele também quem conduz os fiéis à resolução do problema a eles imposto através da ritualização da convicção, via o empoderamento carismático.

O corpo como mediador da trajetória

Ao afirmarmos que a cultura pentecostal é baseada na busca generalizada pelo carisma, revelamos tomar esta busca a forma de uma cadeia de circulação verbal onde o fiel, tendo internalizado a Palavra em seus *self*, estende-o ao (ainda que desconhecido) outro. Queremos ressaltar agora o corpo como mediador deste processo. Para Coleman, a internalização se refere ao fato de que “os fiéis não consideram estarem *interpretando* a Bíblia ou os sermões inspirados, mas que os estão *recebendo* (Coleman, 2000, p. 127, itálicos no original, tradução nossa). Esta assimilação não se reduz ao aspecto metafórico, pelo contrário, ela é entendida como um fenômeno físico. E este recebimento se dá no corpo. É nele que a palavra permanece armazenada aguardando o (exigindo) momento de movimentar-se na cadeia. É o que podemos entender quando Nadja cita o momento da mensagem como “o que alimenta a alma”. “O que me alimenta, no meu caso, é a palavra”,

diz ela. Luciano diz que “é [isto] justamente o que alimenta a alma de um ser humano: a palavra”. Neste sentido “o texto é incorporado (embodied) na pessoa, transformando-a numa representação, que anda e fala, deste poder” (Coleman, 2000, p. 128, tradução nossa).

Uma atitude permanente de recebimento pode ser percebida através da linguagem corporal empregada pelos fiéis nos cultos da AD: Mãos estendidas para o alto, inclinadas em direção ao púlpito com as palmas para cima e os olhos cerrados, numa nítida posição de “recebimento” enquanto as orações são proferidas em tom de profunda emoção. O entusiasmo no momento de entoar os cânticos, o balançar das mãos e do corpo, são, realmente, provas de que os crentes empregam uma linguagem corporal pentecostalmente orientada e entendem o corpo como um indicador do “ser cheio do Espírito”. Mais do que isso, o corpo pentecostal é o verdadeiro receptáculo do Espírito Santo. Este espírito, porém, parece necessitar de uma “ativação”, efetuada pela Palavra que o alimenta e, conseqüentemente, o corpo onde está contido. Esta necessidade da internalização da palavra compõe o processo de formação da pessoa pentecostal, como nos diz Luciano, ao explicar que o crente não está pronto desde sempre e precisa empreender um esforço espiritual diário para chegar à maturidade espiritual. “Mesmo uma pessoa se convertendo ao Senhor, diz nosso Evangelista, ele não é liberto totalmente... A Bíblia Sagrada vai nos orientando através dos ensinamentos e dos estudos, ela vai nos orientando cada dia mais a gente se libertar daquilo que não agrada a Deus”.

Já nos utilizamos da metáfora do fluxo carismático entre o pastor e o fiel para ressaltar a relação peculiar entre ambos, que se dá mesmo em meio à multidão. É importante apontar que este fluxo (ou o sentido deste) é formado pela palavra que sai do corpo do líder e é recebida pelo fiel. Chamamos isto de circulação do carisma (ver Campos & Mauricio Junior, 2012a) na medida em que, como dissemos, o líder carismático está na origem e acima da cadeia de circulação verbal que dá forma à busca generalizada pelo carisma. Ele é o gatilho e o pedagogo das interações carismáticas, já que as ações carismáticas engendradas pelos fiéis comuns podem ser entendidas como uma reprodução em menor escala da performance carismática do pastor nos cultos e grandes eventos. O fiel é empoderado e aprende ser bem sucedido nas interações de onde se depreende o sentido de posse do carisma na relação com o líder carismático. Este fluxo do pastor ao fiel fica mais evidente no instante que denominamos de “profusão de profecias” (Mauricio Junior, 2011):

Quando a mensagem se encerra e tem-se a impressão de o pregador aproximar-se ainda mais de seus ouvintes, os quais, por sua vez, exercem, neste momento derradeiro do ritual, sua postura mais ativa revelando mais claramente ao observador a ingestão da Palavra que vêm do pastor. Silas Malafaia prossegue:

De pé, todos. (*A platéia e levanta*). Eu quero terminar sendo um profeta de Deus pra sua vida... Eu queria ser profeta pra você. Se você quer receber uma palavra profética, você que está me acompanhando pela TV e você que está aqui, eu gostaria que você colocasse as suas mãos assim como eu estou fazendo (estende as mãos para o alto com as palmas para cima)... Eu quero ser profeta de Deus pra você. Quando eu disser “amém” eu gostaria que você, se você quiser e se você crê... Você fechasse as suas mãos e fizesse uma declaração: “eu recebo”, “é pra mim”, “vai acontecer no nome de Jesus”. Qualquer palavra que você quiser dar, e depois eu te dou um minuto só pra você agradecer e adorar a Deus. Você está com as mãos pra frente? Então eu quero ser profeta pra você, não importa quem você é, se você é membro, se você é obreiro, se você é pastor, se é pobre, se é rico, se é empregado, ou se é patrão. Eu quero ser profeta de Deus pra você. Então eu quero liberar uma palavra pra você que está aqui e [para você] que está me assistindo. Grave! É uma pequena retrospectiva, mas é uma palavra profética pra você. Grave: se você estiver no lugar que Deus quer que você esteja, se você obedecer exatamente aquilo que Deus quer que você faça, você se prepare! Porque Deus, através de você, vai fazer (*aumentando o tom de voz*) uma obra grandiosa que não vai poder se contar. Receba essa palavra em nome de Jesus, Amém (*gritos da platéia*).

Todos receberam. E, no CAD 2010, saíram cantando que seriam “benditos quando (e enquanto) profetizassem”. Prontos para darem continuidade à busca generalizada pelo carisma. Dirigindo-se à saída nenhum deles parava de cantar: “Eu sei que a minha voz será a voz de Deus, quando eu obedecer a sua voz”. O ciclo das emoções parece continuar. Os fiéis saem empoderados a engajar-se nas interações carismáticas, mas o carisma ali internalizado é instável. Permanecerá com eles se, e somente se, obedecerem à voz de Deus. Os questionamentos às suas verdadeiras identidades carismáticas continuarão precisando de respostas.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho perseguimos o objetivo de apresentar as emoções envolvidas na trajetória espiritual dos crentes da AD. Esperamos ter esclarecido como as emoções-chave aqui elencadas, a ansiedade e a convicção, servem como vetores da ação carismática, operando na construção da noção de pessoa pentecostal.

Mostramos o papel do líder carismático neste processo. Ele lança as perguntas aos fiéis questionando suas identidades pentecostais, conduzindo a ritualização da ansiedade.

Emoção resultante do desejo de responder positivamente tais questionamentos. As respostas dos fiéis serão dadas, a si mesmos e como reação ao escrutínio da comunidade, na já explicitada cadeia de circulação verbal. É sendo bem sucedido nestas interações carismáticas, onde o crente estende uma palavra (divinamente inspirada) ao seu “irmão” ou a um não-crente, que os fiéis extrairão o sentido de uma identidade pentecostal: Consolando uma desconhecida com palavras de incentivo, como fez Eliete, ou incentivando uma senhora internada no hospital a dizer que “Jesus é Bom” a fim de restabelecê-la de um mal súbito. Mas para engajar-se nestas interações, vencer a dúvida e a hesitação e responder tais perguntas, os fiéis precisam ser incentivados a buscar tais interações. O líder carismático tem papel de destaque novamente nesta etapa. Se ele comandou a ritualização da ansiedade, a prescrição da solução também se dá sob o seu comando no que chamamos de ritualização da convicção.

O corpo como intermediário deste processo também foi apontado. A construção do sentido de um fluxo carismático que tem início no pastor e é recebido (literalmente) pelo fiel, que, por sua vez, o estende até o outro mais próximo, tem o corpo como receptáculo e emissor. Este processo serve ainda para entendermos uma das facetas da expansão pentecostal. Um dos motivos pelos quais o pentecostalismo tem encontrado um crescimento vertiginoso consiste no fato de que a construção da autoridade do líder carismático passa pela sua habilidade em motivar seus ouvintes a serem profetas onde estiverem. É isto o que mostramos Silas Malafaia ter realizado ao longo do texto: Exortar os fiéis, como Eliete e Nadja, a cumprirem seus deveres de profetas.

¹ Profeta aqui, então, é um termo nativo que denomina aquele que profetiza, dá uma palavra da parte de Deus ao seu irmão ou a um desconhecido, não se acomodando, portanto, às definições weberianas, menos ainda bourdianas, do termo.

² Traduzo por “estender-se” o termo “reaching out”, usado por Coleman (2000, 2006, 2009). Significa um princípio formador da identidade do crente, que deve estender-se até, ou alcançar, os outros, contribuindo para a formação de seus *selves* carismáticos.

Referências Bibliográficas

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. The prophet, the word and the circulation of pentecostal charisma. *SISR-ISSR, Religion and Economy in a Global World 2011*. Aix-en-Provence, 2011, Mimeo.

CAMPOS, R.; MAURICIO JUNIOR, C. Do pastor ao fiel: Circulação do carisma e o líder como emblema, gatilho e pedagogo da cultura pentecostal. *Programa de Pós-Graduação em Antropologia* – UFPE, Recife – PE, 2012a, Mimeo.

CAMPOS, R.; MAURICIO JUNIOR, C. Conquistadores do mundo, celebridades da fé: Expansão pentecostal, líderes carismáticos e os (seus) modos de propagação da mensagem. *Programa de Pós-Graduação em Antropologia* – UFPE, Recife – PE, 2012b, Mimeo.

COLEMAN, Simon. *The globalization of Charismatic Christianity, spreading the gospel of prosperity*. Cambridge, Cambridge University Press, 2000.

COLEMAN, Simon. Materializing the self: Words and gifts in the construction of charismatic christianity identity. In: CANNELL, Fenella (Org.). *The Anthropology of Christianity*. London, Duke University Press, 2006.

COLEMAN, Simon. Transgressing the self: making charismatic saints. *Critical Inquiry*, Faith without borders, the curious category of the saint, vol. 35, n.3, 2009, p. 417-439.

CSORDAS, Thomas J. Toward a Rhetorical Theory of Charisma. In: *Language, Charisma and Creativity, The ritual life of a Religious Movement*. Berkeley, Los Angeles, University of California Press, 1997.

GEERTZ, Clifford. Centros, reis e carisma: reflexões sobre o simbolismo do poder. In: *O Saber Local*. Petrópolis (RJ), Vozes, 2003.

MAURICIO JUNIOR, Cleonardo. O Carisma e os líderes pentecostais brasileiros: Entre o virtuosismo e o capital religioso, da dominação à performance. In: *Anais do I Seminário Epistemológico dos Estudos da Religião*, Natal, 2010, p. 125-133.

MAURICIO JUNIOR, Cleonardo. *Da cultura pentecostal ao líder carismático*, os crentes da Assembleia de Deus e a performance do pastor Silas Malafaia. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

ORTNER, Sherry. Subjetividade e Crítica Cultural. *Horizontes Antropológicos*, vol. 13, n.28, Porto Alegre, 2007, p. 375-405.

SEGUY, Jean. Charisme, sacerdote, foundation, autour de L.M. Grignon de Monfort. *Social Compass*, vol. 29, n.1, 1982, p. 5-24.

SHILS, E. Charisma, Order, and Status. *American Sociological Review*, vol. 30, n. 2, 1965, p. 199-213.

WEBER, Max. Os tipos de dominação e Sociologia da Religião (tipos de relações comunitárias religiosas). In: *Economia e Sociedade*, Fundamentos da sociologia compreensível. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília, Editora da UnB, vol. I, 2000.